

Influência das variáveis sociais sobre o uso das preposições no complemento locativo do verbo *ir* na fala catarinense

Marcos Luiz Wiedemer¹

RESUMO: O propósito deste trabalho é apresentar um estudo sobre a variação no uso das preposições *a*, *para* e *em*, que introduzem complemento locativo do verbo *ir* (movimento), com base em dados de amostras da fala catarinense (96 informantes), integrantes do Projeto VARSUL (Florianópolis, Blumenau, Chapecó, Lages), procurando mostrar quais fatores sociais atuam na variação ou mudança linguística que envolve esse fenômeno.

PALAVRAS-CHAVE: Verbo *ir* (movimento); Preposições *a/para/em*; VARSUL.

ABSTRACT: This paper presents a study about the variation on the use of the prepositions *a*, *para* and *em*, which introduce locative complement of the verb *ir* (movement), based on data from speech samples of 96 individuals from Santa Catarina, which are part of the Project VARSUL (Florianópolis, Blumenau, Chapecó, Lages), trying to show which social factors act over language variation or change that embraces this phenomenon.

KEYWORDS: verb *ir* (movement); prepositions *a/para/em*; VARSUL.

Introdução

Neste trabalho, retomamos e ampliamos os resultados apresentados por Wiedemer (2008a) referente às variáveis sociais² que envolvem a variação das preposições (*A/PARA/EM*) no complemento locativo do verbo *ir* na fala catarinense, região sul do Brasil, incluindo entre as cidades estudadas - Florianópolis, Blumenau e Chapecó -, a cidade de Lages. Nosso objetivo central é aprofundar as explicações e as hipóteses para os diferentes usos dessas preposições, alguns dos quais podem ser observados nos exemplificados de (1) a (3) abaixo:

¹ Doutorando em Estudos Linguísticos pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista – (UNESP/SJRP), São José do Rio Preto/SP, Brasil. Bolsista FAPESP (Processo 09/50819-0). E-mail: wiedemer@sjrp.unesp.br.

² Sobre isso, Görski e Coelho (2009, p. 77) comentam que “a variação social [...] (também conhecida como variação diastrática) está relacionada a fatores concernentes à organização socioeconômica e cultural da comunidade. Entram em jogo fatores como a classe social, o sexo, a idade, o grau de escolaridade, a profissão do indivíduo”.

- (1) Ir + a
*Em São Paulo no tem nada disso, né?Aí tem que **ir a** Santos, e Santos a gente conhece também muito bem.* (SC BL 24).³
- (2) Ir + para
*A gente **vai pra** praia, né?* (SC BL 22).
- (3) Ir + em
*La conhecer era Pantanal e essa seria um dos meus sonhos é **ir no** Pantanal.* (SC FL 10).

Para o desenvolvimento da pesquisa, a fim de descrever os fatores sociais condicionantes das variantes (A/PARA/EM), utilizamos amostras de fala de 96 entrevistas do banco de dados do Projeto Interinstitucional Variação Linguística Urbana da Região Sul do Brasil (VARFUL)⁴, com o controle das seguintes variáveis: sexo (masculino; feminino); idade (25-49 anos; +50 anos); escolaridade (primário; ginásial; colegial)⁵ e localidade (Florianópolis; Blumenau; Lages; Chapecó). Cada cidade é representada por um conjunto de 24 entrevistas, correspondentes a 12 perfis sociais (masculino e feminino, três níveis de escolarização e duas faixas etárias), com dois informantes para cada perfil.

A amostra do Estado de Santa Catarina do banco VARFUL procura representar o português falado pelos descendentes dos grupos étnicos mais expressivos do Estado: os açorianos, os italianos, os alemães e a população serrana. As localidades selecionadas para representar Santa Catarina são: (i) Florianópolis, por ser uma cidade de colonização açoriana; (ii) Lages, por ser uma cidade colonizada por sulistas no Planalto Serrano; (iii) Blumenau, por ser o centro urbano expressivo da colonização alemã; (iv) Chapecó, por ser uma cidade de colonização italiana localizada no Oeste catarinense (KNIES; COSTA, 1995).

Para a análise dos dados, utilizamos o pacote estatístico *GoldVarb*⁶, que fornece percentuais e peso relativo (PR), além dos grupos de fatores relevantes para cada uma das variáveis independentes testadas, de modo a permitir o estabelecimento de correlações entre elas, caracterizando-se, assim, os diferentes contextos de uso das variantes analisadas (A/PARA/EM).

³ Códigos adotados pelo Projeto VARFUL para especificar entrevistas: estado (SC=Santa Catarina), cidade (BL=Blumenau; FL=Florianópolis), número da entrevista (22).

⁴ O Projeto VARFUL (Variação Linguística Urbana no Sul do Brasil), que integra as Universidades Federais do Paraná, de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul e a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, possui em seu banco de dados amostras de fala (gravadas, transcritas e armazenadas eletronicamente) de habitantes de quatro cidades de cada um dos estados do Sul do país, as quais se encontram disponíveis, especialmente aos pesquisadores vinculados às instituições mencionadas, para realização de pesquisas que contribuam para a descrição do português falado na região sul do Brasil.

⁵ Atual Ensino Fundamental e Médio.

⁶ Disponível em <http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/Goldvarb/GV_index.htm>.

O quadro teórico que dá sustentação a esta pesquisa está baseado nos postulados da Sociolinguística variacionista, contidos principalmente nos trabalhos de Weirinch, Labov e Herzog (1968) e de Labov (1972, 1994, 2001).

O artigo está estruturado da seguinte maneira: Primeiramente, apresentamos breve revisão sobre o assunto; na sequência, é disposto um panorama geral da frequência de uso das preposições na fala catarinense. Na parte seguinte, os resultados das variáveis sociais selecionadas, bem como são discutidos os resultados por localidade em relação ao uso das preposições. Por fim, apresentamos nossas considerações e referências utilizadas.

1- Breve revisão sobre o assunto

Em relação aos fatores sociais, Mollica (1996), com base em dados extraídos da fala de 64 informantes da Amostra Censo/UFRJ, mostra que a escolarização desempenha papel social preponderante sobre a seleção das duas variantes padrão (*A* e *PARA*) em detrimento da variante não-padrão (*EM*). Ressalta, ainda, que a influência escolar estabelece uma oposição entre os falantes do primeiro (*primário* e *ginásio*) e do segundo grau: estes favorecem as formas padrão e aqueles as desfavorecem. Já sobre a atuação da escolarização e sexo sobre a escolha das preposições, os dados indicam que as mulheres são mais sensíveis à escolarização, obedecendo desde o início à pressão escolar. Sobre o fator idade, a escolha da variante padrão também é correlacionada com a idade, embora as crianças, em termos probabilísticos, evidenciem uma tendência a usar ligeiramente mais as formas padrão do que os jovens de 15 a 25 anos, embora nos adultos haja uma maior polarização das variantes. Em suma, Mollica (1996) mostra que os fatores *escolaridade*, *sexo* e *idade* foram relevantes em sua pesquisa, destacando-se o uso de *A/PARA* pelos informantes mais escolarizados, especialmente as mulheres.

Ribeiro (1996; 2008) analisa a regência do verbo *ir* de predicação incompleta na fala culta carioca, tendo recolhido 734 ocorrências do *corpus* do Projeto NURC da cidade do Rio de Janeiro (114 inquéritos do tipo DID – diálogo entre informante e documentador –, distribuídos igualmente entre homens e mulheres em três faixas etárias: de 25 a 35, de 36 a 55 e acima de 56 anos de idade).

Os resultados de Ribeiro apontam que, enquanto o comportamento dos homens oferece indícios de implementação da mudança, com uma distribuição linear decrescente – os mais jovens usando mais em do que os mais velhos –, o comportamento feminino aponta para um quadro de variação estável – as mulheres da faixa etária intermediária (36 a 55 anos)

tendendo a evitar o uso da variante *EM* enquanto as faixas dos extremos a utilizam mais. Esse comportamento feminino mais conservador, mais sensível ao prestígio social, é explicado pelo autor com base em pressões do mercado de trabalho.

Vallo (2004), em seu estudo, tem como preocupação analisar as preposições em relação ao verbo *ir* de movimento na língua falada pessoense, realizando a análise no *corpus* VALPB, (HORA, 1993). Sobre a variável *anos de escolarização*, Vallo (*op. cit.*) também aponta apenas a escolarização como variável social significativa, com um resultado bastante polarizado: quanto maior o nível de educação formal, mais uso de *A/PARA*, e quanto menor mais uso de *EM*.

Por fim, esses trabalhos, de forma geral, apontam que há motivações sociais para o uso variável das preposições *A/PARA/EM*.

2 O uso das preposições *A/PARA/EM* no complemento locativo do verbo *ir* em Santa Catarina

De início, procurou-se determinar a frequência de uso de cada variante (*A/PARA/EM*), buscando-se avaliar a produtividade das formas, de modo a se ter um panorama das ocorrências por cidade. Os resultados obtidos com a tabulação dos dados recolhidos são observados na tabela (1) abaixo.

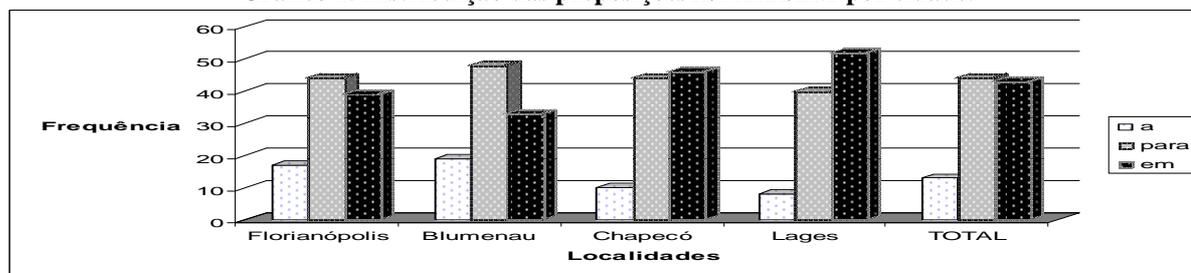
Tabela 1. Distribuição das preposições *A/PARA/EM* por cidade

Preposição \ Localidade	<i>A</i>		<i>PARA</i>		<i>EM</i>		TOTAL	
	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
Florianópolis	57	17	146	44	129	39	332	100
Blumenau	51	19	132	48	92	33	275	100
Chapecó	36	10	152	44	162	46	350	100
Lages	23	8	114	40	146	52	283	100
TOTAL	167	13	544	44	529	43	1240	100

De imediato, chama atenção o baixo percentual de uso da preposição *A* (13%) em relação à *PARA* (44%) e *EM* (43%). No entanto, deve-se salientar que esse percentual mostra-se superior às nossas expectativas iniciais, pois supúnhamos que a frequência da preposição *A* fosse menor, já que estamos analisando dados de fala, e o grau máximo de escolaridade controlada dos informantes é colegial. Por outro lado, é de notar que a variável em estudo apresenta uma distribuição relativamente equilibrada entre Florianópolis (332 ocorrências) e Chapecó (350 ocorrências), mas tem uma frequência mais baixa, em números absolutos, em Blumenau (275 ocorrências) e Lages (283 ocorrências). Entretanto, dentre as

quatro localidades, é Blumenau que apresenta relativamente um maior uso das preposições *A* e *PARA* (19% e 48%, respectivamente) em detrimento de *EM* (33%). Já Lages é a cidade que mostra produtividade mais baixa da preposição *A* (8%) e a mais alta da preposição *EM* (52%). Estes resultados podem ser mais bem visualizados no Gráfico (1).

Gráfico 1. Distribuição das preposições A/PARA/EM por cidade.



Compare-se os resultados acima aos resultados das diferentes amostras dos trabalhos de Mollica (1996), Ribeiro, (1996, 2008) e Vallo (2004) e os nossos, conforme tabela 2 abaixo.

Tabela 2. Frequência de uso das preposições A/PARA/EM em diferentes amostras

VARIEDADE	RIO DE JANEIRO (MOLLICA, 1996)	RIO DE JANEIRO (RIBEIRO, 1996; 2008)	JOÃO PESSOA (VALLO, 2004)	SANTA CATARINA (WIEDEMER)
Preposição				
A	54%	86%	13%	13%
PARA			72%	44%
EM	46%	14%	15%	43%

Em termos de frequência de uso das preposições, nossos resultados se aproximam aos obtidos no Rio de Janeiro (MOLLICA, 1996), na amostra Censo, quanto ao uso da preposição *EM* (SC = 43%; RJ = 46%), mas se distanciam consideravelmente de João Pessoa (VALLO, 2004), cujo percentual encontrado para *EM* foi de 15%. Esse baixo percentual (14%) de *EM* também foi encontrado por Ribeiro (1996, 2008), mas em dados do NURC-RJ, amostra que considera somente falantes de nível superior de escolaridade.

Quanto à preposição *A*, só podemos comparar nossos resultados aos de João Pessoa, pois os demais autores trataram *A/PARA* conjuntamente. Os resultados obtidos por Vallo (2004) apresentam a mesma produtividade encontrada em nossa amostra (13% em JP e 13% em SC) para a preposição *A*. Já os resultados obtidos em relação à preposição *PARA* diferem bastante em termos de frequência de uso, com 72% em João Pessoa e 44% em Santa Catarina.

A partir desses dados iniciais, sem considerar nenhuma variável associada ao uso das preposições, percebe-se, pois, uma maior ocorrência das preposições *PARA* e *EM* em relação à preposição *A*. Esse resultado inicial abaliza o processo em curso de recuo da preposição *A* no PB, principalmente, na localidade de Lages.

Sobre o recuo da preposição *A*, diversos trabalhos abalizam esse processo no PB, mais perceptível na oralidade e, em grau menor, na escrita, esse processo de recuo revela que a preposição *a* ou é apagada, em contextos de verbos causativos e perceptivos transitivos (DUARTE; GONÇALVES, 2001), ou é substituída por outras, principalmente por *para*, à presença de verbos que exigem o dativo (SCHER, 1996; GOMES, 1998, 2003), ou alterna-se com *para* e *em* diante de verbos de movimento (PONTES, 1992; MOLLICA, 1996; RIBEIRO, 1996; 2008; GUEDES; BERLINCK, 2003; VALLO, 2004; WIEDEMER, 2008a). Ainda sobre a alternância na regência de verbos de movimento, Oliveira e Kewitz (2002, p.8) mostra que *vir*, *sair*, *ir* e *correr* apresentam como variantes *a*, *em* e *para*, e *chegar* tem como variantes *a* e *em*.

Sobre o assunto, Farias (2006, p. 223) alerta que a variação entre *a*, *para* e *em* não é um fenômeno isolado do PB ou do português europeu. Segundo o autor, línguas como o inglês, o francês e o italiano também apresentam variação no uso das preposições correspondentes a *a/para/em*. Ferreira e Couto (2008) também encontraram a variação das preposições na fala espontânea de Madri e Buenos Aires. Além disso, Vieira (2007) destaca que no português brasileiro, assim como em Moçambique e Angola, constata-se a alternância de preposições que regem verbos de movimento.

3 Descrição e análise das variáveis

3.1 Variável idade

Com relação à variável *idade*, Ribeiro (amostra NURC, 1996, 2008) encontrou a *faixa etária* como variável relevante, em que os mais jovens usam mais *EM* do que os mais velhos, e as mulheres de meia-idade tendem a evitar essa preposição. Já no Rio de Janeiro (amostra *Censo*; Mollica, 1996) a faixa etária mais baixa está correlacionada ao uso da preposição *EM*. Na tabela (3) têm-se nossos resultados da influência da variável *idade*.

Tabela 3. Influência da variável *idade* no uso de *A*, *PARA* e *EM*.

Preposições Idade	A			PARA			EM		
	Apl./total	%	PR	Apl./total	%	PR	Apl./total	%	PR
25 a 49 anos	66/668	9,9	0.429	311/668	46,6	0.527	291/688	43,6	-
+ 50 anos	101/572	17,7	0.583	233/572	40,7	0.468	238/572	42,6	-
TOTAL	167/1240	13,5		544/1240	43,9		529/1240	42,7	
Significância	Input: 0.122 Sig.: 0.005 1º fator selecionado			Input.: 0.438 Sig.: 0.042 2º fator selecionado			fator não selecionado		

A variável *idade* não se mostrou relevante para *EM*. Foi, porém, a primeira selecionada para *A*, cuja tendência de uso situa-se entre os mais velhos (PR 0.583), e a segunda selecionada, para a preposição *PARA*, que mostra uma leve inclinação a ser mais usada por informantes da faixa etária de 25 a 49 anos (PR 0.527).

Pode ser observada na tabela (3) a diminuição de uso da preposição *A*, e o aumento de uso das preposições *PARA* e *EM* à medida que a idade diminui. Esse recuo no uso de *A* entre os mais novos pode ser interpretado como indício de mudança/gramaticalização das preposições *PARA/EM* no complemento locativo do verbo *ir* (movimento). Entretanto, para evidenciar com mais clareza esse processo de mudança, seria necessário investigá-lo ao longo do tempo, já que estamos considerando apenas o aumento da frequência de uso e duas faixas etárias como um dos indícios da gramaticalização das preposições *PARA/EM*.

Vale lembrar que diversos fatores propiciam a gramaticalização de determinado item, dentre os quais a frequência de uso de determinada forma. Assim, a tendência que se verifica é a de quanto mais gramaticalizada uma forma está, maior será sua frequência de uso. Dessa forma, a frequência de uso de determinado item linguístico é evidência do seu grau de gramaticalização.⁷

Naro e Braga (2000), sobre a frequência de uso de determinado item, chamam a atenção para a importância de se avaliar a frequência de uso das formas alternantes, o que pode revelar usos sociolinguisticamente determinados, ou condicionantes de ordem estilística, que atuam na gramaticalização de uma dessas formas. Os autores consideram que os aspectos sociais correlacionados ao uso da língua assumem papel importante na escolha de uma determinada forma em detrimento da outra.

Por fim, avaliando a tabela (3), nossos resultados apontam a confluência de duas situações: (i) mudança em andamento com recuo gradativo da preposição *A*, especialmente entre os mais novos; (ii) variação relativamente estável entre as preposições *PARA* e *EM*.

⁷ Bybee (2003) adverte que a frequência não é resultado da gramaticalização, mas apenas uma contribuição primária para a identificação do processo.

3.2 Variável escolaridade

Outro grupo de fatores que é apontado como estatisticamente relevante (cf. MOLLICA, 1996; RIBEIRO, 1996; 2008; VALLO, 2004; WIEDEMER, 2008a) é *escolaridade*. Baseados nesses resultados, nossa expectativa é de que as ocorrências da variante *A* sejam mais frequentes entre os mais escolarizados, porque esse representa o segmento social mais resistente a inovações. Os resultados da variável podem ser vistos na tabela (4).

Tabela 4. Influência da variável *escolaridade* no uso de *A*, *PARA* e *EM*.

Preposições Escolaridade	A			PARA			EM		
	Apl./total	%	PR	Apl./total	%	PR	Apl./total	%	PR
Colegial	68/371	18,3	0.603	184/371	49,6	0.557	119/371	32,1	0.387
Ginasial	56/459	12,2	0.472	192/459	41,8	0.482	211/459	46,0	0.535
Primário	43/410	10,5	0.437	168/410	41,0	0.468	119/252	32,1	0.565
TOTAL	167/1240	13,5		544/1240	43,9		529/1240	42,7	
Significância	Input: 0.122 Sig.: 0.005 3° fator selecionado			Input: 0.438 Sig.: 0.042 1° fator selecionado			Input: 0.423 Sig.: 0.000 1° fator selecionado		

O fator social *escolaridade* mostrou-se, extremamente, relevante na seleção das três preposições. Conforme a tabela (4), quanto mais escolarizado o informante, maior o uso da preposição *A*, seguida da preposição *PARA*. Além disso, fica evidente o distanciamento verificado entre o comportamento de informantes do colegial do nível primário no uso destas preposições. Em contrapartida, a preposição *EM* tende a ser empregada mais entre os menos escolarizados, incluindo informantes dos níveis primário e ginasial (PR 0.535 e 0.565, respectivamente).

A esse quadro, se junta os resultados de Mollica (1996), que demonstrou que os fatores *escolaridade*, *sexo* e *idade* foram relevantes em sua pesquisa, destacando-se o uso de *A/PARA* pelos informantes mais escolarizados, especialmente as mulheres. Vallo (2004) também aponta apenas a escolarização como variável social significativa, com um resultado bastante polarizado: quanto maior o nível de educação formal, mais uso de *A/PARA*, e quanto menor mais uso de *EM*.

Sobre a relevância da escolaridade, Votre (2003, p. 51) comenta:

A observação do dia-a-dia confirma que a escola gera mudanças na fala e na escrita das pessoas que as frequentam e das comunidades discursivas. Constata-se, por outro lado, que ela atua como preservadora de formas de prestígio, face a tendências de mudança em curso nessas comunidades. Veículo de familiarização com a literatura nacional, a escola incute gostos, normas, padrões estéticos e morais em face da conformidade de dizer e de escrever. Compreende-se, nesse contexto, a influência da variável de escolarização, ou a escolaridade, como correlata aos mecanismos de promoção ou resistência à mudança.

Assim, considerando os resultados do fator idade (tabela 3), em que ficou claro a expansão do uso das preposições *PARA/EM*, o que demonstra que as variantes estariam se difundindo entre os diversos segmentos sociais. Por outro lado, conforme o quadro de resultados da aplicação do fator *escolaridade* (Tabela 4) demonstra que este fator exerce forte influência na manutenção da preposição *A*. Sobre isso, conforme Weireinch, Labov e Herzog (1968), se descobirmos o que pode mudar ou o que está mudando (estado de transição), podemos delinear as condições de mudança (*restrições*), ou seja, possíveis condicionamentos e restrições linguísticas ou extralinguísticas, além de restrições gerais de processamento à mudança, as quais determinam as alterações possíveis e sua trajetória de mudança/variação – aquilo que determina possíveis mudanças ou que propicia condições para que a mudança ocorra. Dessa forma, percebemos que a atuação da variável *escolaridade* é um restritor da implementação da mudança, ou seja, mantém o uso da preposição *A* pela comunidade de fala analisada.

Além disso, testamos a correlação entre as variáveis *escolaridade* e *idade*, com a finalidade de avaliar se apresentavam alguma diferença nos resultados. Sobre o assunto, Guy e Zilles (2007, p. 221) afirmam que “fatores como sexo, idade e classe social, muitas vezes, não se comportam independentemente uns dos outros”. Apesar de realizarmos a correlação, não encontramos diferenças significativas nos resultados. Testamos também a correlação das variáveis *sexo* e *escolaridade*, que também não apresentou relevância. Isso confirma que a variável *sexo*, que já não tinha sido selecionada anteriormente pelo programa estatístico, não demonstra atuação na seleção de uso das preposições *A/PARA/EM* na fala catarinense.

3.3 Variável localidade

Considerando que estão sendo controladas quatro cidades do estado de Santa Catarina, foram realizadas também rodadas por localidade para verificar se os condicionantes de uso das preposições atuam diferentemente ou não, conforme resultados dessa variável na tabela (5).

Tabela 5. Influência da variável localidade no uso de A, PARA e EM.

Preposições	A			PARA			EM		
	Apl./total	%	PR	Apl./total	%	PR	Apl./total	%	PR
Blumenau	51/275	18,5	0.605	132/275	48,0	-	92/275	33,5	0.398
Chapecó	36/350	10,3	0.438	152/350	43,4	-	162/350	46,3	0.549
Florianópolis	57/332	17,2	0.581	146/332	44,0	-	129/332	38,9	0.461
Lages	23/283	8,1	0.381	114/283	40,3	-	146/283	51,6	0.585
TOTAL	167/1240	13,5		544/1240	43,9		529/1240	42,7	
Significância	Input: 0.122 Sig.: 0.005 2º fator selecionado			Fator não selecionado			Input: 0.423 Sig.: 0.000 2º fator selecionado		

Os resultados mostram que o fator *localidade* é um fator relevante na seleção das preposições: informantes de Blumenau (PR 0.605) e de Florianópolis (PR 0.581) mostram uma tendência de uso da preposição *A*, enquanto os informantes de Chapecó (PR 0.541) e de Lages (PR 0.585) inclinam-se ao uso da preposição *EM*. Já o uso da preposição *PARA* é indiferente à procedência dos informantes.

Embora as cidades pertençam a um mesmo estado da Região Sul, esse comportamento diferenciado quanto ao uso das preposições pode sugerir que cada uma represente uma subcomunidade dentro de uma comunidade de fala maior.⁸ Em relação a isso, Millroy (2002) comenta que estudos feitos por Labov (1963 [marcas fonológicas]) e Cheshire (1982 [marcas gramaticais]) mostraram que quanto mais integrado o sujeito está a uma rede, mais freqüentemente tende a usar variantes locais/regionais. Assim, é possível hipotetizar que Florianópolis e Blumenau sejam centros urbanos onde a tendência dos indivíduos a integrar diferentes redes sociais⁹ seja mais ampla, podendo manter contato com indivíduos mais escolarizados etc., o que poderia estar correlacionado ao uso da preposição *A*. Todavia, para testar essa ideia, seria necessário investigar as redes sociais dos indivíduos envolvidos na pesquisa. Além disso, tais resultados podem ser um reflexo da ocupação diferenciada do território catarinense, ou ainda, seriam relacionados às diferenças de etnias, como por exemplo, Florianópolis e Blumenau serem mais conservadora em virtude de sua origem, de colonização açoriana a primeira, e alemã a segunda, além, desta última, de sua proximidade com a capital. Dessa forma, poderíamos pensar em um possível estabelecimento de que cada cidade possui uma noção diferente de norma culta, ou seja, um imaginário coletivo como uma determinada norma linguística que deve ser seguida em relação à gramática.

Consideramos bastante significativo esse resultado, e, em função disso, redirecionamos a análise, organizando os resultados de acordo com as regiões geográficas¹⁰.

⁸ Uma discussão e revisão bastante aprofundada do conceito de comunidade de fala pode ser conferida em Guy (2000, 2001) e também em Wiedemer (2008b).

⁹ A designação para *Redes sociais*, conforme Milroy (2002), corresponde aos relacionamentos criados pelas pessoas para suprir as dificuldades da vida cotidiana. Tais redes podem variar de um indivíduo para outro e ser constituídas por ligações de diferentes tipos e intensidades. Apesar de pertencer a uma determinada comunidade de fala, os indivíduos fazem uso da língua/fala em diferentes práticas que refletem diferentes modelos (variações) de uso. O falante faz uso da língua para atender às exigências necessárias de cada interação específica.

¹⁰ “Tanto a variação geográfica como a variação social estão intimamente associadas às forças internas que promovem ou impedem a variação e a mudança e à identidade do falante. É como se o indivíduo, ao manifestar-se oralmente, já revelasse a sua origem regional e social. É como se ele, pela sua forma de falar, se identificasse como pertencente ou não a determinada comunidade e a determinado grupo social. É nesse sentido que se diz que as regras variáveis podem ser motivadas extra-linguisticamente além de linguisticamente. (GÖRSKI; COELHO, 2009, p. 78).

3.4 Variação diatópica

Conforme já discutimos acima, o arranjo na apresentação dos resultados segue agora a seguinte configuração: foram reunidos numa única tabela os resultados obtidos para cada localidade, em relação ao uso de cada uma das preposições. Assim, temos uma tabela para cada preposição (*A/PARA/EM*).

3.4.1 Preposição A

Na rodada com dados de Florianópolis, a variável *escolaridade* foi a única estatisticamente significativa, como também para a cidade de Chapecó. Para Blumenau, foram selecionados: *idade* e *sexo*. Na tabela (6), são apresentados os resultados de atuação das variáveis.

Tabela 6. Atuação das variáveis significativas por cidade no uso da preposição A versus EM/PARA.

Localidades Variáveis	Florianópolis			Blumenau			Chapecó			Lages		
	Apl./total	%	PR	Apl./total	%	PR	Apl./total	%	PR	Apl./total	%	PR
<i>Idade</i>						(2) ¹¹						
+ de 50	-	-	-	42/142	29,6	0.705	-	-	-	-	-	-
25-49 anos				9/133	6,8	0.282						
<i>Sexo</i>						(1)						
Feminino	-	-	-	35/142	24,6	0.614	-	-	-	-	-	-
Masculino				16/133	12,0	0.379						
<i>Escolaridade</i>			(1)						(1)			
Colegial	23/96	24,0	0.630	-	-	-	25/123	20,3	0.740	-	-	-
Ginasial	27/135	20,0	0.575				7/136	5,1	0.377			
Primário	7/101	6,9	0.287				4/91	4,4	0.340			
Significância	Input: 0.156 Sig.:0.003			Input: 0.143 Sig.: 0.007			Input: 0.082 Sig.: 0.000			Fator não selecionado		

Primeiramente, o que chama a atenção nesses resultados é o fato de que em Chapecó somente *escolaridade* foi selecionado, provavelmente face ao número reduzido de dados nesta cidade: 36 ocorrências. Também Lages apresenta somente 27 ocorrências da preposição A, que traduz a não seleção de alguma variável pelo pacote estatístico para a preposição A.

Os resultados apontam que enquanto informantes mais velhos tendem a usar A (PR. 0.705) e os mais jovens desfavorecem esse uso (PR. 0.282) em Blumenau, atestando que informantes mais velhos tendem a usar mais a preposição A, a variável *faixa etária* não foi significativa para as outras três cidades. Quanto à variável *sexo*, as mulheres se inclinam mais ao uso da preposição A (PR. 0.614). Seria em Blumenau a preposição A considerada a forma de prestígio e nas demais cidades não? Mas por que a variável *escolaridade* não foi

¹¹ O número dentro dos parênteses indica a ordem de seleção estatística por cidade.

significativa em Blumenau? Poderíamos pensar que as mulheres e mais velhas estariam atuam como um grupo de manutenção da preposição *A* na localidade de Blumenau?

Quanto à *escolaridade*, esse fator foi selecionado para Florianópolis e Chapecó (a única relevante), mostrando que o uso de *A* tende a aumentar na mesma direção do aumento do grau de escolaridade. Esse resultado em relação aos anos de instrução formal segue na direção dos de Mollica (1996) e Vallo (2004), com a ressalva de que eles trataram conjuntamente as preposições *A/PARA*.

De qualquer forma, esses resultados confirmam nossa hipótese inicial, de que cada localidade represente uma subcomunidade dentro de uma comunidade de fala maior. Assim, cada localidade possui suas próprias normas de uso, e essas normas fortalecem ou enfraquecem a influência dos fatores sociais que regem a utilização das preposições na comunidade de fala catarinense. Sobre isso, Finegan e Biber (2001) comentam que “em resumo, quando uma variante linguística é a norma num registro particular, os fatores linguísticos que favorecem a variante são mais influentes, mas, quando uma variante é a norma num registro particular, os fatores que a favorecem são significativamente menos fortes”.¹²

3.4.2 Preposição *PARA*

A variável *idade* se mostra significativa apenas em Blumenau, com informantes mais jovens usando mais a preposição *PARA* (PR. 0.629), o que confirmam os resultados dessa variável para a preposição *A* na localidade de Blumenau, que mostra uma oposição de uso: mulheres mais velhas tendem a usar a preposição *A*, enquanto os mais jovens a preposição *PARA*, conforme os resultados dispostos na tabela 7.

Tabela 7. Atuação das variáveis significativas por cidade no uso da preposição *PARA* versus *A/EM*.

Localidades Variáveis	Florianópolis			Blumenau			Chapecó			Lages		
	Apl./total	%	PR	Apl./total	%	PR	Apl./total	%	PR	Apl./total	%	PR
<i>Idade</i>						(1)						
+ de 50	-	-	-	51/142	35,9	0.379	-	-	-	-	-	-
25-49 anos				81/133	60,9	0.629						
<i>Escolaridade</i>												(1)
Colegial	-	-	-	-	-	-	-	-	-	41/75	54,7	0.645
Ginasial										42/99	42,4	0.527
Primário										31/109	28,4	0.376
Significância	Fator não selecionado			Input: 0.479 Sig.: 0.000			Fator não selecionado			Input: 0.398 Sig.: 0.002		

¹² Cf. original: “In sum, when a linguistic variant is not the norm in a particular register, the linguistic factors favoring the variant are most influential; but when a variant is the norm in a particular register, the factors favoring it are significantly less strong”.

Nota-se ainda que a preposição *PARA*, na localidade de Lages, apontam?? Concordância? também para um paralelismo de uso em relação à preposição *EM*, em que os informantes com maior grau de escolaridade tendem a usar a preposição *PARA*.

3.4.3 Preposição *EM*

A única variável social selecionada para *EM* foi *escolaridade*, de acordo com o resultado na tabela 8. Sobre isso, o nível *colegial* desfavorece o uso dessa preposição em Chapecó e Lages. Essa variável não se mostrou atuante nem Florianópolis nem em Blumenau.

Tabela 8. Atuação das variáveis significativas por cidade no uso da preposição *EM* versus *A/PARA*.

Localidades Variáveis	Florianópolis			Blumenau			Chapecó			Lages		
	Apl./total	%	PR	Apl./total	%	PR	Apl./total	%	PR	Apl./total	%	PR
<i>Escolaridade</i>									(1)			(1)
Colegial	-	-	-	-	-	-	42/123	34,1	0.378	26/75	34,7	0.333
Ginasial							70/136	51,5	0.553	51/99	51,5	0.499
Primário							50/91	34,1	0.587	69/109	63,3	0.618
Significância	Fator não selecionado			Fator não selecionado			Input: 0.461 Sig.: 0.005			Input: 0.516 Sig.: 0.001		

Comparando-se com outros estudos, percebe-se que no Rio de Janeiro (amostra *Censo*; Mollica, 1996) o baixo grau de escolaridade assim como a faixa etária mais baixa estão correlacionados ao uso de *EM*. Também no Rio de Janeiro (amostra *NURC*; Ribeiro, 1996; 2008), homens mais jovens (25 a 35 anos) tendem a usar mais a variante não-padrão, e mulheres de meia-idade (36 a 55 anos) tendem a evitar o uso dessa forma. Em João Pessoa (amostra *VALPB*; Vallo, 2004), informantes com menos anos de escolarização empregam mais a preposição *em*. Já em Santa Catarina (amostra *VARISUL*), a única restrição de natureza social para o uso de *EM* é a escolaridade, mesmo assim apenas nas cidades de Chapecó e LAGES. No Sul, as variáveis sociais se mostraram mais significativas para o uso da preposição *A*, forma padrão por excelência.

Considerações Finais

Várias considerações podem ser feitas aqui. Se atentarmos para a frequência de uso das preposições em Santa Catarina, podemos dizer que temos evidências atuais de recuo da preposição *A* (13%), especialmente quando essa frequência é associada aos fatores *faixa etária mais velha* e *grau de escolaridade mais alto*, e ao fato de que muitos informantes não a utilizam. Se atentarmos para as localidades (cf. tabela 5), isoladamente, perceberemos que a

implementação de *EM* (51,6%) está mais avançada em Lages, que apresenta o recuo maior de *A* (8,1%). A cidade que retém mais a preposição *A* é Blumenau (18,5%), onde a implementação de *EM* é menor (33,5%). A capital encontra-se a meio caminho, com 17,2% de *A*, 38,9% de *EM* e 44% de *PARA*. De qualquer modo, o que se percebe é o movimento de recuo da preposição *A*, mas em ritmos diferenciados.

Temos, portanto, indícios que sustentam a hipótese de mudança em andamento rumo à diminuição crescente e gradativa de uso de uma das formas, de modo que as outras variantes continuarão, possivelmente, competindo entre si para representar o domínio funcional em questão. É essa direção que os demais trabalhos que focalizam esse objeto no PB têm apontado.

Assim, considerando as preposições *PARA* e *EM* no cenário de Santa Catarina, parece que estamos diante de um quadro de variação relativamente estável (com 44 e 43%, respectivamente), embora *EM* sofra restrição quanto à escolaridade do falante e *PARA* seja de uso preferencial na faixa etária mais jovem. Contudo, se tomarmos as localidades isoladamente, vemos que: (i) é em Blumenau que a faixa etária mais nova privilegia *PARA* (enquanto os mais velhos tendem a reter o *a*); (ii) é em Chapecó e Lages que *EM* sofre restrição da escolaridade, sendo menos usada pelos informantes de nível colegial; (iii) em Florianópolis, a preposição *A* tende a ser retida entre os indivíduos de nível colegial. Essas constatações encontram-se explicitadas no quadro 1, a seguir.

Quadro 1. Contextos sociais preferenciais de uso das preposições *A/PARA/EM* em Santa Catarina

Variáveis	<i>A</i>	<i>PARA</i>	<i>EM</i>
Idade	+ 50 anos	25 a 49 anos	-
Escolaridade	Colegial	Colegial	Ginásial e Primário
Localidade	Blumenau Florianópolis	-	Chapecó Lages

Se focalizarmos a atenção nos resultados das variáveis (cf. quadro 1), percebemos as tendências gerais de atuação das preposições, bem como também os contextos que particularizam as localidades em relação ao uso de cada preposição.

Por fim, nosso trabalho mostrou que há diferentes fenômenos atuando sobre a regência do verbo ir de movimento: (i) há um processo de mudança em andamento com recuo gradativo da preposição *a* (conforme atestado em estudos de caráter histórico) e concomitante expansão de uso das preposições *para* e *em*; (ii) há um processo de variação relativamente estável entre as preposições *para* e *em*; (iii) há um processo de generalização por especificação, com indicadores de contextos particularizados para as três preposições.

Referências

- BYBEE, J. L. Mechanisms of change in grammaticalization: the role of frequency. In: JOSEPH, B., JANDA, R. (eds.). *The handbook of historical linguistics*. Oxford: Blackwell, 2003.
- DUARTE, I.; GONÇALVES A. Construções de subordinação funcionalmente defectivas: o caso das construções perceptivas em PE e PB. Comunicação apresentada na *Abralin*, Fortaleza 14-16 março 2001.
- FARIAS, J. G. de. Variação entre a, para e em no português brasileiro e no português europeu: algumas notas. *Letras de Hoje*. Porto Alegre. v. 41, nº 1, p. 213-234, março, 2006.
- FERREIRA, C. P. & COUTO, P. R. Frecuencia y contextos de uso de las preposiciones “a”, “en”, “para” y “por” en la habla espontánea de Madrid y Buenos Aires. *Anais do XV Congresso Internacional da ALFAL*, Montevideu: Uruguai. 2008.
- FINEGAN, E.; BIBER, D. Register variation and social dialect variation: the register axiom. In: ECKERT, P.; RICKFORD, J. R. *Style and Sociolinguistic Variation*. Stanford? Cambridge University Press, 2001. p. 235-267.
- GOMES, C. Efeito funcional no uso variável de preposição. In: *Revista de Estudos Linguísticos*, São José do Rio Preto, v. 7, n. 2, p. 61-70, 1998.
- _____. Variação e mudança na expressão do dativo no português brasileiro. In: PAIVA, M. da C. de; DUARTE, M. E. L. (Orgs.) *Mudança linguística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2003.
- GÖRSKI, E.; COELHO, I. L. Variação linguística e ensino de gramática. *Working Papers em Linguística*, 10 (1). Jan-jun., 2009. p. 73-91.
- GUEDES, M.; BERLINCK, R. de A. Variação em complementos preposicionados no português paulista do século XIX. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. XXXII, CD-ROM,, 2003. Publicação do Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo.
- GUY, G. A identidade linguística da comunidade de fala: paralelismo interdialeto nos padrões de variação linguística. *Organon, Revista do Instituto de Letras da UFRGS*, Porto Alegre, v. 28 e 29, 2000. p. 17-32.
- _____. *As comunidades de fala: fronteiras internas e externas*. *Abralin*, 2001. Disponível em: http://sw.npd.ufc.br/abralin/anais_con2int_conf02.pdf. Acesso em fevereiro de 2010.
- GUY, G.; ZILLES, A. *Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- KNIES, C. B. & COSTA, I. B. (orgs.) Manual do Usuário: banco de dados lingüísticos “VARSUL”. UFPR/UFSC/UFRGS/PUC-RS, 1995.
- LABOV, W. *Sociolinguistic Patterns*. Pennsylvania: University of Pennsylvania Press, 1972.
- _____. *Principles of Linguistic Change: internal factors*. Cambridge: Blackwell, 1994.
- _____. *Principles of Linguistic Change: social factors*. Oxford: Blackwell, 2001.
- MILROY, L. Social Networks. In: CHAMBERS, J.K.; TRUDGILL, P; SCHILLING-ESTES, N. (Eds.) *The Handbook of Language Variation and Change*. Oxford: Blackwell, 2002. p. 549-569.
- MOLLICA, M. C. de M. A regência variável do verbo *ir* de movimento. In: SILVA, G. M. O.; SCHERRE, M. M. P. (Orgs.) *Padrões sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p.147-167 e 283-293.
- NARO, A. J.; BRAGA, M. L. A interface sociolinguística/gramaticalização. *Gragoatá*, Niterói, n. 9, p. 125-134, 2. sem., 2000.
- OLIVEIRA, M. de & KEWITZ, V. (Col.) Adjuntos e complementos verbais introduzidos pela preposição ‘a’. Texto apresentado no V Seminário do Projeto para a História do Português Brasileiro. Ouro Preto, outubro de 2002.
- PONTES. E. *Espaço e Tempo na Língua Portuguesa*. Campinas, SP: Pontes, 1992.

RIBEIRO, A. J. C. R. *Um caso de uso variável de preposições na chamada fala culta carioca: a regência do verbo Ir de predicação incompleta*. 1996. Dissertação (Mestrado em Linguística) - UFRJ, Rio de Janeiro, 1996.

_____. Variação e funcionalidade no uso de preposições e a regência do verbo *ir* na fala carioca. In: VOTRE, Sebastião; RONCARATI, Cláudia (Orgs.) *Anthony Julius Naro e a linguística no Brasil: uma homenagem acadêmica*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2008. p. 87- 94.

SCHER, A. P. *As construções com dois complementos no inglês e no português do Brasil: um estudo sintático comparativo*. 1996. Dissertação (Mestrado em Linguística) - UNICAMP, Campinas, 1996.

VALLO, M. A. G. do. A regência do verbo *ir* de movimento na perspectiva variacionista. In: HORA, D. da (Org.) *Estudos sociolinguísticos: perfil de uma comunidade*. João Pessoa: Gráfica Editora Pallotti, 2004. p. 207-217.

VOTRE, S. J. Relevância da variável escolaridade. In: MOLLICA, M.C., BRAGA, M.L. (orgs.) *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003, p. 51-58.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. Empirical Foundations for a Theory of Language Change. In: LEHMANN, W. P. & MACKIED, Y. (eds.). *Directions for Historical Linguistics*. Austin: University of Texas Press, 1968. p. 97 -195.

WIEDEMER, M. L. *A regência variável do verbo ir de movimento na fala de Santa Catarina*. 2008. 141p. Dissertação (Mestrado em Linguística) – UFSC, Florianópolis, 2008a.

_____. As faces da comunidade de fala. *Linguagens-Revista de Letras, Artes e Comunicação*. V.2, n1, 2008b, p. 21-35.

Aceito para publicação em 15 de novembro de 2010.